

“A MULHER MAIS BONITA DO BRASIL”: OS *CLOSES* DE ROBERTA NAS CAPAS DA REVISTA *MANCHETE*: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES TRANSFEMININAS (1984-1994)

Ronaldo Canabarro¹
Universidade de Passo Fundo

Marlise Regina Meyrer²
Universidade de Passo Fundo

Recebido: 26/09/2016
Aprovado: 18/11/2016

Resumo: O presente estudo é uma análise de três capas da *Revista Manchete* entre 1984 e 1994. Essas estampam *Roberta Close, transmulher* que se tornou famosa na década de 80 do século XX. A personagem se tornou um ícone de beleza feminina da época, chegando a posar nua para duas revistas masculinas, *Playboy* e *Ele&Ela*. Busca-se identificar, nas capas, as representações e construções de identidades *transfemininas*, a partir da reflexão sobre travestilidade e transexualidade, entendidas, aqui, como construção da identidade de gênero feminina. Metodologicamente o estudo se fundamenta na análise da imagem fotográfica como fonte principal do estudo, embora também se recorra aos textos escritos, em especial, os títulos e legendas das capas. O objetivo geral é, a partir dessas imagens, incitar a discussão acerca de como essa (s) identidade (s) era (m) apresentada (s) pela mídia de massa, no período estudado, aqui representada pela *Revista Manchete*.

Palavras-chave: Transexualidade; Imagem; Roberta Close; Identidade de Gênero.

“BRAZIL’S MOST BEAUTIFUL WOMAN”: CLOSE-UPS OF ROBERTA ON *MANCHETE* MAGAZINE COVERS: CONSTRUCTION OF TRANSFEMALE IDENTITIES (1984-1994)

Abstract - This article is an analysis of three *Manchete* magazine covers between 1984 and 1994. These covers present Roberta Close, famous *transwoman* in the 80’s - twentieth century. The character has become an icon of feminine beauty, coming to pose nude for two men’s magazine, *Playboy* and *Ele&Ela*. The aim is to identify, on the covers, representations and constructions of *transfemale* identities, from the reflection on travestility and transsexuality, understood as the construction of female gender identity. Methodologically the study is based on the analysis of photographic image as the main source of the study, but it also refers to written texts, in particular titles and captions on the covers. The goal is, from these images, incite discussion about how these identities were presented by the mass media, in the period, here represented by *Manchete Magazine*.

Keywords: Transsexuality; Image; Roberta Close; Gender Identity.

O estudo trata da análise das imagens de três capas da revista *Manchete* publicadas nas décadas de 1980 e 1990, ilustradas com fotografias de Roberta Close. Embora as imagens sejam a fonte principal do estudo, os textos escritos sobre a temática das capas, bem como títulos e legendas, servem de complemento

¹ E-mail: ronaldocanabarro@yahoo.com.br.

² E-mail: meyrer_nh@hotmail.com.

à análise das fotografias. As imagens são entendidas como uma narrativa visual portadora de sentidos, sendo veiculadas na sociedade através da mídia, neste caso impressa, enquanto mediadora cultural nos âmbitos da produção, circulação e consumo. Nesse sentido, objetiva-se identificar as representações, veiculadas no periódico, sobre travestilidade e transexualidade, ou seja, identidades transgêneras.

Importante enfatizar que o principal objetivo do artigo é metodológico, constituindo-se num exercício de leitura de imagens impressas como documento histórico. Nesse sentido, não é um trabalho de pesquisa que objetive a produção de conhecimentos inéditos sobre o tema, mas informa sobre possibilidades de uso de fontes, neste caso, imagéticas. A relevância do uso de imagens fotográficas como documento histórico já foi apontada por Freud,³ que afirma ser ela um “[...] importante documento social e uma das formas mais eficazes de moldar nossas ideias e nosso pensamento”. As fotografias, assim, integram o rol das imagens técnicas, que conforme Flusser⁴ são imagens programadas que visam, em última análise, programar a sociedade ou a forma de ver e de significá-la. Para o autor, as imagens fotográficas carregam conceitos que “imaginam o mundo”.

As imagens, nesse caso as fotografias das capas da Revista Manchete, são aqui instrumentos para pensar o papel da mídia impressa na construção das representações de gênero na sociedade brasileira. Samain⁵ afirma ser a imagem “uma forma que pensa” na medida em que as *ideias* por ela veiculadas e que ela faz nascer dentro de nós – quando a olhamos – são ideias que somente se tornaram possíveis porque ela, a imagem, participa de histórias e de memórias que a precedem [...]”.

Ao pensarmos as imagens nas revistas como representação, estamos entendendo como constituintes e constituidoras do próprio real pois, ao difundirem determinada visão de mundo, fazem com que os agentes sociais se pautem subjetivamente pela mesma. A representação é, nesse sentido, elemento de

³ FREUD, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: Grafos, 1983. p. 10.

⁴ FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

⁵ SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: _____. **Como pensam as imagens**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2012. p. 33.

transformação e de atribuição de sentido.⁶ Entretanto, para que tenham eficácia ao apresentar sua visão de mundo sobre os demais, “de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais”,⁷ elas dependem do seu reconhecimento e este não está nas representações em si, mas nas relações estabelecidas na estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*.⁸

A *Revista Manchete*, no período em questão, tinha uma posição de destaque no campo jornalístico, inserindo-se na luta das representações, de que nos fala Bourdieu⁹ “as lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social”. O semanário foi um dos mais importantes periódicos no país, de ampla circulação e visibilidade social. Entrou no mercado em 1952, fazendo concorrência direta com a revista *O Cruzeiro*, que detinha o monopólio do setor, posto que perdeu para a nova concorrente em poucos anos. Embora nos anos de 1990 não ocupasse mais a posição de liderança no mercado editorial brasileiro das revistas ilustradas, ainda era possuidora de um capital simbólico que lhe atribuía um lugar de destaque e, portanto, poder de difundir e reforçar valores e comportamentos. A revista tratava de variedades, noticiava fatos diversos, mas também, era de entretenimento. Comentava a vida de artistas e celebridades, além disso trazia curiosidades e, muitas vezes, amenidades. Costumeiramente trazia abordagens científicas (psicologia, saúde, câncer, etc.), sempre de forma simples com o intuito de trazer esclarecimentos sobre os assuntos abordados.¹⁰

Essas características do periódico, influíram em nossa escolha, pois embora atualmente os trabalhos que analisam as relações entre a mídia, as sexualidades e gêneros não normativos no Brasil, já encontrem uma produção significativa, estas

⁶ CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In: _____. **À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Universidade – UFRGS, 2002.

⁷ Ibidem. p. 177.

⁸ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007. p. 14.

⁹ Idem.

¹⁰ ROSA, Carolina M. S. **Dá um close nela - a imagem do transexual em revistas brasileiras através do “caso” Roberta Close (1983-1991)**. Porto Alegre, 2012. Trabalho de Conclusão (Graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

se concentram majoritariamente nas publicações dirigidas ao público LGBT.¹¹ Faz-se necessário portanto, estudos que contemplem a grande imprensa, cujo poder de impor *visões de mundo*, é ampliado tanto pela posição que ocupam no campo jornalístico como pela diversificação e amplitude de seu público leitor, reforçando assim, o poder simbólico próprio dos meios de comunicação que, conforme Thompson¹² caracteriza-se como "um tipo distinto de atividade social que envolve transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica utilização de recursos de vários tipos "todos eles decorrentes de alguma forma técnica".¹³ Para o autor, "as ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrer, apoiar os negócios de estado ou sublevar as massas em revolta coletiva".¹⁴

Para este estudo, selecionamos inicialmente três capas da *Revista Manchete*, nas quais estão estampadas fotos da modelo Roberta Close. A escolha pela personagem se deu, primeiramente, pela ampla visibilidade que ela obteve na mídia à época, se afirmando como modelo fotográfico de prestígio no Brasil e exterior. Em segundo, pelo fato de sua condição de *transmulher* possibilitar o entendimento de como os discursos de feminilidade construíram, reafirmaram ou deram visibilidade, nesse período, às identidades trans, aqui entendidas como travestis e transexuais. Parece intrigante que, em um período que as identidades LGBT estavam em construção no Brasil, como destaca Regina Fachini,¹⁵ uma mulher transexual consiga apresentar-se nos meios de comunicação e na moda como *a mulher mais bonita do Brasil*, rompendo com o preconceito sobre uma identidade não enquadrada no discurso biologizante de mulher/vagina *versus* homem/pênis.

¹¹ COLLING, et all. Um panorama dos estudos sobre mídia, sexualidades e gêneros não normativos no Brasil. *Gênero*, Niterói, v. 12, n. 2, p. 77-108, 1. sem. 2012.

¹² THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna- Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

¹³ Ibidem. p. 24

¹⁴ Idem.

¹⁵ FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

A transexualidade é citada pela área médica como Transexualismo e apresentada no DSM-V¹⁶ (Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais), como uma Disforia de Identidade de Gênero. A descrição destaca que os indivíduos “disfóricos” podem ter entre os seus desejos, o de se submeter a cirurgia de redesignação sexual (reconstrução/adequação do órgão genital), alterando sua genitália para enquadrar seu corpo a sua *psiquê*. Eles podem ser tanto *transhomens* como *transmulheres*. Qual seja, *transmulheres* são as pessoas nascidas com uma genitália biológica de reprodução classificada como masculina (pênis), mas constroem sua identidade de gênero feminina, desejando e sentindo forte necessidade de adequar o corpo a sua necessidade e desejo. Um *transhomem* é o processo inverso, com genitália biológica de reprodução classificada como feminina (vagina), mas com identidade de gênero masculina. Entretanto, as discussões acerca das identidades *trans*, extrapolam as definições do DSM-V, trazendo outras propostas para pensar a categoria gênero.

A partir dos anos 1970 e 1980, estudiosos do tema passam a criticar a classificação sexual dualista, ou binarismo, e valorizar a ambiguidade questionando a fronteira que separa os “homossexuais” dos “heterossexuais”. A crítica ataca o sistema hierárquico ou igualitário de entendimento da sexualidade. Carrara e Simões,¹⁷ se referindo aos estudos de Fry e MacRae,¹⁸ apontam que “tal hierarquia” mantinha não apenas intocado o estigma e a reprovação social de que já eram objeto privilegiado homens “afeminados” e travestis, mas o aprofundava, marcando todos eles com a pecha de “atrasados, politicamente incorretos, retrógrados etc”.

Atualmente, muitos trabalhos se pautam pelos estudos de Judith Butler sobre corporalidade e performatividade de gênero. Para a autora as definições inseridas nas categorias de gênero, tem como objetivo último a normatização e o

¹⁶ A “doença do gênero errado” está catalogada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V-TR™) e na Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Mesmo tais manuais sendo revisados periodicamente, e mesmo com o esforço do movimento internacional pela despatologização trans, as novas versões ainda manterão o “transtorno” catalogado, passando somente a caracterizar disforia.

¹⁷ CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 65-99, jan.-jun. 2007. p. 11.

¹⁸ FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

reforço da heterossexualidade através da naturalização das fronteiras do corpo. O corpo, para a autora, é cultural e socialmente construído e, da mesma forma, as representações construídas sobre eles. De uma forma geral os estudos, com forte influência de Michel Foucault, encaminham-se para o entendimento de que não existe uma única identidade transexual mas sim, “posições de identidade organizadas através de uma complexa rede de identificações que se efetiva mediante movimentos de negação e afirmação aos modelos disponibilizados socialmente para se definir o que seja um/a homem/mulher de ‘verdade’”.¹⁹

No Brasil, foi também no final dos anos 1970 e no início da década de 1980 que surgiram os movimentos sociais organizados para lutar por direitos LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Inicialmente, o movimento se denominava Movimento Gay e, em seguida, Movimento GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes que em 1994 passou a denominar-se Movimento GLBT e só em 1998, na I Conferência Brasileira, o movimento passou a denominar-se de Movimento LGBT, com o intuito de dar maior visibilidade às lésbicas. Mesmo as identidades *trans* não estando inicialmente nessa sigla, esses/essas estão em constante trânsito e ganhando cada vez mais espaço no movimento, contribuindo para o seu fortalecimento.

As definições acima são relevantes para o entendimento das representações sobre estas identidades na Revista, mais especificamente nas imagens veiculadas nas três capas escolhidas para este estudo, cuja centralidade é a representação imagética do corpo de Roberta Close. Se o corpo pode ser entendido como cultural e socialmente construído, ele próprio constitui-se em espaço onde a cultura passa a ser inscrita “pelos atores sociais, mas também à revelia deles”.²⁰ Ele é, portanto, espaço de comunicação, nele estão impressas de diferentes formas, mensagens sobre determinada cultura, sociedade, época. Desta maneira, torna-se importante os estudos que contemplam as relações mídia e corpo, pois “ [...] amplia seu campo

¹⁹ BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 201.

²⁰ SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **O Corpo Representado: mídia, arte e produção de sentido**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. p. 9.

de leitura ao mesmo tempo que possibilita uma apreensão das representações que circulam nos diversos grupos sociais.”.²¹

Segundo matérias veiculadas na mídia, desde muito cedo Roberta manifestou seu desejo pela cirurgia de redesignação sexual, o que somente se concretizou em 1989, na Inglaterra, como mostra a capa número dois a ser analisada (fig.2). Portanto, o período em que ela foi saudada pela mídia como “a mulher mais bonita do Brasil”, e quando posa nua para revistas masculinas ela ainda possuía um pênis, que era *aquendado*²² com muito cuidado.

Roberta Close, foi registrada por seus pais com o nome de Luis Roberto Gambine Moreira. Criada em uma família de classe média carioca teve a ousadia de, muito cedo, publicitar sua identidade de gênero feminina. Aos 15 anos Roberto preferia ser chamada de Roberta e já se apresentava como uma adolescente do gênero feminino. A família deu um suporte importante para que ela pudesse viver o quanto antes em conformidade com essa identidade, que não se definia pelos aspectos biológicos, mas sim pelo sentimento de pertencimento ao gênero feminino. Suas aparições sempre foram marcadas pela capacidade de “passabilidade”²³ ou seja, os traços socialmente apresentados por Roberta não suscitavam dúvida sobre sua identidade, em especial para quem desconhecia sua história, possibilitando uma circulação em ambientes sociais com naturalidade.

Enaltecida por parte da mídia impressa e televisiva como a mulher mais bonita do Brasil no ano de 1984, sua carreira como modelo deslanchou, passando a estampar as capas de várias revistas do período em questão, entre elas a *Revista Manchete* e, inclusive, algumas revistas dedicadas ao público heterossexual masculino, como *Playboy* e *Ele&Ela*, cujo apelo era a sensualidade do corpo feminino dentro dos padrões clássicos das diferenças biológicas do sexo.

Entre várias reportagens e imagens que a personagem protagonizou na revista *Manchete*, escolhemos três capas que, na nossa opinião, representam

²¹ Idem.

²² O termo usado no universo transfeminino significa esconder o pênis entre as pernas, puxando-o junto com o saco escrotal para trás, de forma que não dê a entender, numa observação visual frontal, que ele existe naquele corpo.

²³ O conceito de passabilidade, ou seja a possibilidade de “passar por” é utilizado em outros trabalhos como por exemplo o de Thiago Duque em sua tese de doutorado intitulada “Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por”, Unicamp, 2013.

momentos significativos na vida da modelo, conforme assinalados explicitamente nas chamadas e imagens das capas, de forma a descreverem uma espécie de trajetória de vida. A primeira é de 1984, ano em que Roberta se tornou um símbolo sexual feminino, nacional e internacionalmente reconhecida e, para confusão dos discursos de gênero biologizantes, ainda quando possuía um pênis (fig.1). A segunda imagem é posterior a cirurgia que a “torna mulher”, em 1989 (fig.2). A cirurgia de redesignação sexual que ela realizou fora do Brasil, já que no país não haviam políticas públicas nessa perspectiva e a cirurgia não era autorizada pelo Conselho Federal de Medicina. Por fim, a terceira imagem (fig.3) é de 1994, quando a modelo completava 30 anos de idade e a revista indagava sobre seus “15 anos como mulher”.

Uma mulher diferente – Impressões da Primeira Imagem – Capa da *Revista Manchete* – 1984

O Brasil havia entrado na década de 80, com um saldo de repressão política, censura e perseguição. A ditadura militar instaurada no ano de 1964 estava chegando ao fim. Desestruturada, a política ditatorial perdia suas forças, possibilitando o surgimento de movimentos sociais que lutavam por mudanças. O ano de 1984 é marcado pelo início de reabertura democrática e a saída dos militares do poder. O país estava no clima das *Diretas Já*, movimento popular político que buscava a volta do sufrágio universal nas eleições, mas que foi rejeitado na votação do Congresso Nacional.

Vivia-se o processo de abertura política, embora ainda com resquícios da repressão e da censura dos meios de comunicação. A televisão e as revistas se firmavam enquanto meios de comunicação de massa com poder de, entre outras coisas, (re)construir e/ou reforçar identidades coletivas e (re)criar novas identidades. No que se refere as identidades de gênero, o que prevalecia era o reforço ao sistema binário homem/mulher, mulher/homem como forma compulsória da heteronormatividade. Porém, o afrouxamento da censura, aliado aos movimentos reivindicando liberdade política, abriam espaços para o questionamento a essas fronteiras identitárias. O corpo censurado, torturado e

conformado dava espaço a um corpo sexuado, identificado, visível, midiático e, por vezes, transgressor.

Weeks²⁴ afirma que nos anos de 1970 e 1980 “[...] houve, de fato, o começo de uma reação contra o que era visto como os excessos da década anterior e, talvez pela primeira vez, a sexualidade se tornou uma verdadeira questão política de primeira linha [...]”. Essa questão política contribuiu para a emergência, no espaço público, de personagens como Roberta Close, uma *transmulher* definida frequentemente pela mídia, como uma pessoa triste porque nasceu no “corpo errado”.²⁵ Essa ambigüidade em relação a personagem, servia de atrativo ao público leitor, cuja curiosidade era instigada pelas chamadas de capa e imagens de impacto visual e simbólico, que destacavam a identidade (*trans*)feminina de Roberta.

A aura de curiosidade sobre o “verdadeiro sexo” de Roberta era retroalimentado pelos discursos e forma como ela se apresentava. Esse estímulo ao *vouyerismo* dos leitores, não deixa de ter um forte apelo mercadológico, pois, como destaca Kossoy “[...] algumas imagens nos levam a lembrar, outras a moldar nosso comportamento; ou a consumir algum produto ou serviço; ou a formar conceitos ou reafirmar pré-conceitos que temos sobre determinado assunto; outras **despertam fantasias e desejos**”.²⁶

A primeira imagem (fig. 1) é a capa da *Revista Manchete*, número 1698, de maio de 1984, ano em que, conforme já assinalado, a modelo foi considerada por vários meios de comunicação como “a mulher mais bonita do Brasil”. Embora ela não fosse apresentada como uma travesti, e sim como uma transexual, a diferenciação entre essas identidades não é explicitada em nenhum momento. Tanto a transexualidade quanto a travestilidade, eram entendidas como “problemas mentais”, uma é disforia e outra é parafilia, nas quais as/os portadores estariam numa identidade em desacordo com seu corpo. Por vezes, socialmente, as travestis podem ser descritas e lidas, pelo senso comum, como marginais,

²⁴ WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 54.

²⁵ ROSA, Carolina M. S. Op. Cit.

²⁶ KOSSOY, Bóris. **Os tempos da fotografia**. Cotia-SP: Ateliê, 2007. p. 44-45. Grifo nosso.

prostitutas e violentas. No entanto, como nos mostra Rosa,²⁷ Roberta Close, era retratada como uma pessoa discreta, recatada, e muito educada, em contraste com a *bixa louca* ou as travestis que seriam uma imitação mal feita de mulher.



Fig. 1 – Capa: *Revista Manchete*, n. 1698, MD/1984

Na imagem acima (fig.1) Roberta foi fotografada junto com um filhote de um animal selvagem, o tigre. A imagem de Roberta, entretanto, não tem nada de selvagem. Sua postura, olhar e expressão denotam um ar angelical e uma quase timidez. Ela está mais a esquerda da capa, inclinando-se para o centro, de forma que não está enfrentando frontalmente (de corpo inteiro) os leitores. Entretanto o tigre, símbolo de beleza, força, sensualidade e instintos incontroláveis, serve de contraponto, reforçando a ambigüidade que a personagem representa. A boca entreaberta da modelo e a palavra “afrodisíaco”, referente a outra reportagem, servem de reforço ao apelo sensual.

Observa-se que ela está com o rosto o mais natural possível, pouca maquiagem, demonstrando a beleza como *dom*, como algo dado, naturalmente feminina, sem precisar de artifícios. Representada dessa forma, ela se diferenciava dos homens (homossexuais ou heterossexuais) que se montam²⁸ de mulher como

²⁷ ROSA, Carolina M. S. Op. Cit.

²⁸ O termo montar-se é utilizado dentro do meio LGBT, em especial com as Drag Queens que são figuras masculinas que se vestem e maquam-se com atributos do feminino para fazer shows e espetáculos com personagens, alguns caricatos outros, quase sócias de mulheres famosas.

as *drag queens* ou ainda como as *cross-dressers*, pessoas que usam artefatos e vestimentas tidas como inversas ao papel social determinado para sua genitália, para satisfazer desejos sexuais temporários. A imagem construída era a de uma mulher “natural”, com base em um ideal de beleza feminina sem os exageros da maquiagem. Os cabelos, naturalmente soltos, auxiliam na composição dessa mesma ideia. Entretanto, essa pretensa “naturalidade” servia como contraponto ao discurso biológico que a definia como homem, fato conhecido do público leitor, constituindo-se em um elemento surpresa utilizado pela publicação: *ela parece uma mulher!*

A roupa da modelo, possivelmente uma camisola, sem sutiã, evidenciando o mamilo, faz novamente referência a essa mulher natural, e ao mesmo tempo sensual. Outro recurso observado é a utilização do plano médio, sem mostrar os membros inferiores do corpo, o que faz aumentar a aura de mistério e dúvida sobre o “verdadeiro sexo” de Roberta.

As figuras de linguagem e a representação social de Roberta se aproximam muito daquilo que as feministas da época avaliavam como sendo uma tentativa de retorno a submissão, já que é no bojo da década de oitenta, que o trabalho e a visibilidade de feministas e ativistas sobre direitos das mulheres se difundem com mais intensidade no Brasil. Outrossim, essa representação de Roberta não se encerra em si mesma, uma vez que “[...] as representações sociais vão além dos trabalhos do psiquismo individual e emergem como um fenômeno que expressa a subjetividade do campo social e sua capacidade para construir saberes.”²⁹ A representação do corpo de Roberta Close, assim, se relaciona tanto com o aspecto coletivo quanto individual da personagem, pois o corpo, neste caso de Roberta, é “[...] ele próprio uma unidade biopolítica que, ao mesmo tempo em que é único, é também partilhado porque semelhante e similar a uma infinidade de outros corpos produzidos neste tempo e nesta cultura.”³⁰

²⁹ JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 79.

³⁰ GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo. In: COLLING, Ana Maria e TODESCHI, Losango Antônio (Org). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados, MS: UFGD, 2015. p. 137.

Ainda sobre as críticas das feministas, Rosa³¹ avalia algumas declarações de ativistas e psicólogas da década de oitenta sobre Roberta Close. A autora cita os posicionamentos de Rose Mari Muraro e Marta Suplicy, para quem as mulheres dessa década estariam saindo de casa e ocupando o mercado de trabalho, frequentemente se tornando independentes. Para uma parcela da sociedade, essas mudanças estariam tornando as mulheres cada vez mais “masculinas” e Roberta seria a imagem da mulher *à moda antiga*, assumindo atributos femininos da mulher idealizada. Assim, o uso da imagem de Roberta, uma *transmulher*, seria uma forma de construção de uma representação social contraditória ao feminismo.

Outro aspecto a considerar, é a chamada inserida na capa: “*Roberta Close conquista o mundo*”. Alguns autores como Larissa Pelúcio³² e Jorge Leite Jr.³³ apontam que o Brasil (junto com a Tailândia) são reconhecidos internacionalmente como “paraísos sexuais”, onde a oferta das mulheres de todos os “tipos” é abundante, praticamente sem limites. Além disso, ambos os países são exportadores de travestis e transexuais. Dessa forma, a imagem de Roberta Close, difundida pela mídia brasileira, ao longo dos anos oitenta, pode ter contribuído para reforçar essa representação social do país que, de certa forma, dava continuidade ao imaginário do país colonizado por europeus, como exótico, sexualizado e selvagem.

Enfim mulher – a cirurgia de redesignação sexual de Roberta e os discursos de uma norma biológica

Em 1989 Roberta Close realiza sua cirurgia de redesignação sexual na Inglaterra para enquadrar seu corpo à sua identidade de gênero, uma vez que no Brasil, o procedimento ainda não era realizado, o que ocorreria somente oito anos mais tarde e em caráter experimental. A revista *Manchete*, então, se propõe a apresentar para os brasileiros a Roberta *sexualmente redesignada*.

³¹ ROSA, Carolina M. S. Op. Cit.

³² PELÚCIO, Larissa. Deseos, brasilidades y secretos – El negocio del sexo en la relación entre clientes españoles y travestis brasileñas. In: PAVEZ, Jorge; KRAUSHAAR, Lilith. (Ed.) **Capitalismo y pornología**. San Pedro de Atacama: QILLQA/ Universidad Católica Del Norte, 2011. p. 437-461.

³³ LEITE JÚNIOR, Jorge. “**Nossos Corpos Também Mudam**”: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso médico científico. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

A segunda imagem analisada apresenta Roberta Close na Capa da *Revista Manchete* de 17 de janeiro de 1990 (fig.2). A capa é ousada ao apresentar Roberta com os seios à mostra e em roupas sensuais. Nessa fotografia ela aparece de frente para a câmara, numa posição que evidencia as partes do corpo que denotam as especificidades da anatomia feminina, como seios, quadris e cintura fina. O sorriso largo – de satisfação/felicidade com o novo corpo – completa o sentido da mensagem da capa.



Fig. 2 - Capa: *Revista Manchete*, n.1969, jan/1990.

A chamada para a matéria sobre Roberta Close traz a norma e o discurso biologizante sobre o gênero: “Enfim mulher: Roberta Close muda de sexo”. Ela, então, estaria em conformidade com o discurso científico da biologia que define as espécies entre machos e fêmeas, sendo que essa determinação e diferenciação biológica dá-se, numa primeira instância, pela existência de pênis, para os machos e de vagina para fêmeas. Num segundo momento pode ser definido por questões gonadais, hormonais e cromossômicas. Embora essas definições sejam palpáveis e comprovadas, elas escorregam em exceções, pois podem existir machos com definições cromossômicas XX, fêmeas com níveis hormonais de testosterona iguais

ou acima dos machos, relações de formação intersexuais³⁴ em que nenhuma das definições enquadrar-se-ia.

Sobre esta questão, Judith Butler,³⁵ em um artigo intitulado “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo” apresenta uma reflexão sobre os limites do discurso do sexo. Segundo a autora, os discursos sobre sexo e gênero vinculam-se entre a materialidade e a performatividade de gênero. Ela destaca ainda que a “categoria do “sexo” é, desde o início normativa: ela é aquilo que Foucault³⁶ chamou de “ideal regulatório”.

A cirurgia de redesignação sexual ou redefinição genital, no senso comum chamada de cirurgia de “mudança de sexo” ocorre no Brasil desde 1997, oferecida pelo SUS em caráter experimental, a partir da Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº 1.482/1997. São somente autorizadas em hospitais universitários e teve importante papel pois retirou da clandestinidade as cirurgias e o tratamento que envolve o processo transexualizador.

No Brasil, as Unidades de Atenção Especializada garantem o Processo Transexualizador através do SUS, e estão localizadas em apenas quatro capitais: Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Goiânia. O usuário é atendido por uma equipe multidisciplinar que conta com médico cirurgião, anestesiológico, equipe de enfermagem, endocrinologista, psiquiatra, psicólogo e assistente social e procedimento cirúrgico ocorre somente após dois anos de acompanhamento hormonal e psicoterápico.

O processo transexualizador refere-se as mudanças necessárias aos corpos cuja genitália e formações gonadais e hormonais nem sempre condizem com a identidade de gênero da pessoa. Roberta iniciou o processo transexualizador na adolescência, por volta dos quinze anos ou menos. Provavelmente sua primeira decisão foi a ingestão de hormônios femininos, vindo na sequência cirurgias que modelam o corpo, como próteses de silicone, redução de curvaturas com lipoaspiração, entre outras possibilidades. Esse processo apresenta-se diferente

³⁴ Ver mais sobre intersexualidade em: MACHADO, Sandrine Paula. **O Sexo dos Anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade**. Porto Alegre, 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

³⁵ BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Nova York/Londres: Routledge, 1990.

³⁶ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

para cada indivíduo e, no Brasil, o SUS exige um acompanhamento de dois anos, com equipe multidisciplinar que fornecerá laudo para que a cirurgia de redefinição da genitália ocorra.

Roberta precisou sair do país para realizar sua cirurgia, não tendo nenhum apoio da rede pública de saúde. Como tinha possibilidades financeiras custeou sua cirurgia, fato que era (e ainda é) impensável para a esmagadora maioria de transexuais no país, já que o custo de uma cirurgia de redefinição genital, ainda hoje, é muito alto.

O discurso da revista sobre Roberta aparece ambíguo nessa capa, na imagem anterior, cinco anos antes, Roberta era eleita a *mulher* mais bonita do Brasil, estampada em capas de revistas das mais variadas, e mesmo possuindo um pênis, nas capas ela não aparece explicitamente como transexual, o que é apenas sugerido. Mas, nessa capa, a chamada faz uma referência explícita: “O mais famoso transexual brasileiro revela o antes e depois da cirurgia que liberou sua porção mulher”. Aparentemente o uso do artigo definido “o” para se referir a Roberta, e o uso do termo transexual traz aí algumas indagações: embora ela esteja alterando sua genitália e adequando ao seu gênero que foi sempre declarado, ela sempre será “o” transexual? Ao se referir a sua “porção mulher”, estão afirmando que ela nunca será uma mulher “por inteiro”?

Traçando um comparativo com a imagem de 1984, podemos fazer algumas aferições aos significados atribuídos pela revista, referentes a mudança física da modelo. A roupa agora mínima, somente a parte de baixo da lingerie, e os seios à mostra, sugerem evidenciar o resultado da cirurgia. A calcinha de renda branca transparente deixa visível o novo “sexo”. Além disso na tradição judaico-cristã o branco significa pureza, virgindade, é bem possível que essa ideia tenha motivado o uso da lingerie branca, afinal ela era uma *nova mulher*, ainda “pura”.

Roberta é apresentada, então, com muita maquiagem e brincos grandes, em conformidade com a moda da época, que era usada por artistas femininas populares como Xuxa e Angélica. O uso de acessórios femininos ostensivos e maquiagem carregada adequavam-se ao novo corpo de Roberta, agora uma *mulher completa*, inserida no discurso heteronormativo, cujo corpo não apresenta mais

ambiguidade com seu gênero. Os acessórios, aí completam a mensagem do corpo que a revista veicula, atribuindo-lhe novos significados culturais.

Por fim, destacamos outro elemento da capa, que chama atenção, e ao que parece, não está ali por acaso. No canto há uma chamada: “Plástica 90 – Como conseguir o corpo ideal”. É nos anos noventa que o Brasil começa a despontar como o país que busca a beleza também na mesa de cirurgia. Hoje o Brasil está no Ranking de maiores consumidores das cirurgias estéticas³⁷. Na década de noventa essa indústria da beleza, da construção de corpos começa a dar seus passos. O país que tem na sensualidade e na beleza feminina estereotipada, uma forma de vender sua imagem no turismo e nas passarelas, tem uma incessante busca de corpos “perfeitos”. Essa imagem do feminino ideal, construído, é reforçado em Roberta, uma pessoa cuja mudança corporal realizada pela tecnologia demonstra o quanto a engenharia de corpos coloniza e constrói corpos ideais.

Debutando nos 15 anos – Roberta e as nuances de uma identidade

A próxima capa estudada, elege novamente um marco temporal na trajetória de vida de Roberta Close. A revista refere-se, nesta ocasião, aos quinze anos “como mulher”.



Fig. 3 - Capa: Revista Manchete, n. 2187, março,1994

³⁷ Disponível em: <www.istoedinheiro.com.br/noticias/54543_QUE+BELEZA>. Acesso em: 01 dez. 2013.

Nessa imagem, Roberta está com uma apresentação diferente das demais. Aos trinta anos de idade, ela parece agora totalmente inserida no padrão normativo de feminilidade. O uso de roupa ousada, mas com ar moderno, na cor preta, torna a cena sensual, sem ser apelativa, dando a ela uma aparência de leveza. O efeito dos cabelos esvoaçantes aliado ao movimento corporal, completam a ideia de liberdade presente no conjunto da imagem. Podemos, ainda, perceber o reforço do estereótipo do biotipo feminino brasileiro, que valoriza a região do corpo feminino abaixo da cintura. A imagem assim, concentra o apelo sensual, através da roupa, nesta região do corpo.

A chamada da reportagem na capa anuncia: *“15 anos de Mulher - Agora a mudança de sexo é oficial e ela comemora lançando uma griffe de lingerie”*. Essa chamada faz referência ao texto que se encontra no interior da revista, que discorre sobre os problemas jurídicos enfrentados pela modelo após o procedimento de redesignação sexual. A reportagem informava que tendo realizado em 1989, a cirurgia que a tornou “definitivamente” mulher, a transgenitalização proporcionou a ela uma adequação do seu corpo e sua anatomia aos seus sentimentos e desejos, todavia, seus documentos ainda ostentavam o nome e o sexo masculino registrados ao nascer, Luis Roberto Gambine Moreira.

A alteração de nome, prenome e sexo em documentos é ainda hoje tema de disputas jurídicas para as pessoas *trans*. Assim, não surpreende a dificuldade enfrentada por Roberta que estava, na época dessa publicação, ainda envolvida com o processo jurídico para adequação de seu estatuto civil embora, segundo a revista, ela tivesse obtido ganho de causa no ano anterior, 1993, na oitava Câmara Cível do Rio de Janeiro. A decisão jurídica autorizou a alteração do nome civil para Roberta Gambine Moreira e também para o sexo feminino, no entanto, acrescido da informação “por alteração cirúrgica”.³⁸

A reportagem, no interior da revista, faz um apelo, recheado de aspectos emocionais, para que a justiça compreenda a situação e enfim aceite alterar seu nome e seu sexo nos documentos. Essa intenção de mostrá-la como feminina e “mulher de verdade” faz com que a revista acione um discurso carregado de

³⁸ Luís Roberto Gambine Moreira teve seu nome alterado em 10 de março de 2005 pela 9ª Vara de Família do estado do Rio de Janeiro.

estereótipos sobre a feminilidade e sobre o papel da mulher na sociedade, como pode ser observado num dos trechos da reportagem abaixo:

Tudo o que ela parecia em condições de obter na vida: um marido próspero, um lar harmonioso, alguns filhos, nenhuma necessidade de trabalhar, e nenhuma curiosidade mais profunda do que saber, a cada manhã, se o sol iria garantir uma boa praia”.³⁹

As afirmativas presentes aparentemente tentam explicar o quão “verdadeiro” era a *mulheridade* de Roberta, como se a verdade em ser mulher residisse na subalternidade e no enquadramento dela no modelo patriarcal. Dessa forma a oficialidade de sua nova identidade, legitimava-se por estes elementos tradicionalmente atribuídos ao gênero feminino. Roberta, no entanto, argumenta na mesma reportagem, em favor da diversidade quando afirma que “o pessoal precisa ir à praia sem medo de mostrar volumes indesejáveis no biquini”. No entanto, enfatiza que o fato de ela querer *ser mulher* a diferencia com relação a transexualidade como um todo, das pessoas como “Rogéria, que assume sua condição de travesti e não tem grilos com isso...”.

Quanto a essa questão, Beleli⁴⁰ discute a crescente visibilidade que Gays e Lésbicas tem ganho na mídia, em especial nas novelas e publicidade. Para o autor, embora se observe mudanças significativas, no que se refere ao abandono do modelo caricato e estereotipado dos personagens a mídia, através da regulação da veiculação das imagens e discursos, constrói uma determinada normalidade com base em novos estereótipos. As relações monogâmicas, o casamento, relações estáveis são alguns dos atributos que “aproximam esses sujeitos das convenções pré-estabelecidas” (p.128). Da mesma forma, os valores da tradicional família cristã ocidental servem de legitimadores para a feminilidade de Roberta, amenizando a suposta ‘anormalidade’ de sua condição.

A revista faz um trocadilho com os quinze anos de mulher, provavelmente com a ideia de ela ser apresentada como uma debutante. É com quinze anos que muitas meninas passam pelo ritual de iniciação e apresentação a sociedade,

³⁹ **Revista Manchete**, n. 2187, 04 de março de 1994.

⁴⁰ BELELI, Iara. “Eles[as] Parecem Normais’: visibilidade de gays e lésbicas na mídia”. **Revista Bagoas**, Natal, n. 04, p. 113-130, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2299/1732>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

marcando a passagem para a fase adulta. Como em várias ocasiões Roberta havia declarado ter assumido publicamente a identidade feminina por volta dos quinze anos de idade, a revista utilizou a data como referência para assinalar o ritual de passagem – oficial – de Roberta à condição de mulher. Completava-se, assim, no discurso da revista, o processo que transformava Roberta Close culturalmente, socialmente e oficialmente mulher.

Considerações finais

Com o objetivo de perceber de que forma as representações sociais sobre a transexualidade têm sido construída na mídia impressa de forma processual, escolhemos as três capas de *Manchete* com tempos distintos, 1984, 1989 e 1994. Indicando o início da carreira de sucesso de Roberta no mundo *fashion*, depois quando de sua cirurgia de redesignação sexual e sua “completude enquanto mulher”, e por fim, 1994, quando ela “debuta” completando 30 anos de idade e “15 anos de mulher”.

Embora a personagem tenha frequentado as páginas da revista, inclusive em várias capas, neste período, o uso imagético da personagem Roberta Close não denota uma intenção de crítica ao preconceito sobre as identidades transfemininas, mas ao contrário, fortaleceram o discurso binário, da imagem de feminino ideal e de masculino ideal, reforçando os limites e fronteiras entre esses. Não podemos negar que Roberta teve um papel importante, dando visibilidade as personalidades *trans*, entretanto, apresentada como transexual requintada em contraponto as travestis, contribuía para a marginalização das últimas, cada vez mais vinculadas ao mundo da rua, da violência e da degeneração.

Sua constante definição como educada e discreta, inclusive na sua forma de se apresentar nos meios de comunicação de massa, em vez de servir como reforço ou diminuição das barreiras atitudinais do preconceito com as identidades transfemininas, serviu de fortalecimento e definição de uma *transnormatividade*, uma vez que, ela se enquadra nos moldes heteronormativos. O fato de apresentar-se como mulher e ser reconhecida como tal, acionava automaticamente a pergunta das pessoas sobre a heterossexualidade de Roberta, com perguntas sobre como os homens a tratavam, ou como ela se sentia quando estava com um homem, sendo

que não se pensava em outra possibilidade sobre a orientação sexual de Roberta. Aliás, a esperada ligação linear entre identidade de gênero e orientação sexual era reforçada. Nos textos das capas e nas imagens, em nenhum momento aparece essa possibilidade de diferenciação entre identidade de gênero e orientação sexual.

Observamos que esse assunto carece de maiores discussões na historiografia, em especial para entender como nossa sociedade lida com o *biopoder* sobre os corpos, não somente na perspectiva de Michel Foucault. Da mesma forma, faz-se necessário estudos que possibilitem a compreensão da forma como os *Mass Media* se relacionam com a sexualidade e em que medida reforçam estereótipos e/ou criam/reforçam identidades.

Fontes das Imagens:

Fig. 1 - Revista Manchete, n. 1698, MD/1984. Disponível em: <http://mlb-s2-p.mlstatic.com/conhecimentos-gerais-manchete-en-revistas-colecao-563501-MLB20327127590_062015-Y.jpg>.

Fig. 2 - Revista Manchete, n.1969, jan/1990. Disponível em: <http://mlb-s2-p.mlstatic.com/conhecimentos-gerais-manchete-en-revistas-229701-MLB20416991997_092015-Y.jpg>.

Fig. 3 - Revista Manchete, n. 2187, março,1994. Disponível em: <http://mlb-s2-p.mlstatic.com/conhecimentos-gerais-manchete-en-revistas-colecao-16263-MLB20117293330_062014-Y.jpg>.

Referências bibliográficas

ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/port/homofobia.php>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

BELELI, Iara. “Eles[as] Parecem Normais’: visibilidade de gays e lésbicas na mídia”. **Revista Bagoas**, Natal, n. 04, p. 113-130, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2299/1732>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008. Aprova a Regulamentação do Processo Transexualizador no âmbito do Sistema Único de saúde – SUS.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **O Poder Simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007. 322 p.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Nova York e Londres: Routledge, 1990.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 65-99, jan.-jun. 2007.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução nº 1.482/97. Autoriza, a título experimental, a realização de cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia, neofaloplastia e ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento dos casos de transexualismo.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução nº 1.652/2002. Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e revoga a Resolução CFM nº 1.482/97.

CAMPOS, Maria C. Cunha. **Roberta Close e M. Butterfly: transgênero, testemunho e ficção**. Texto apresentado no Colóquio identidades da UERJ, em maio de 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade. A era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

COLLING, et all. Um panorama dos estudos sobre mídia, sexualidades e gêneros não normativos no Brasil. **Gênero**, Niterói, v. 12, n. 2, p. 77-108, 1. sem. 2012.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *In*: _____. **À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Universidade – UFRGS, 2002. 277p.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 17ª edição. Impresso no Brasil, 2006. v. I, II, III.

_____. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Gisèle. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Grafos, 1983.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo. *In*: COLLING, Ana Maria e TODESCHI, Losango Antônio (Org). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados, MS: UFGD, 2015.

GROSSI, Miriam Pillar et al. (Org). **Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades**: [S.l.]: Garamond, 2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 232 p.

KOSSOY, Bóris. **Os tempos da fotografia**. Cotia-SP: Ateliê, 2007.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **“Nossos Corpos Também Mudam”**: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso médico científico. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008

PELÚCIO, Larissa. Deseos, brasilidades y secretos – El negocio del sexo en la relación entre clientes españoles y travestis brasileñas. *In*: PAVEZ, Jorge e KRAUSHAAR, Lilith. (Ed.) **Capitalismo y pornología**. San Pedro de Atacama: QILLQA/ Universidad Católica Del Norte, 2011. p. 437-461.

_____. Exótica, erótica e travesti – nacionalidade e corporalidade no jogo das identidades no mercado transnacional do sexo. *In*: CASTRO, Ana Lúcia de. (Org.) **Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias**. São Paulo, Cultura Acadêmica/UNESP, 2010. p. 197-213.

ROSA, Carolina M. S. **Dá um close nela – a imagem do transexual em revistas brasileiras através do “caso” Roberta Close (1983-1991)**. Porto Alegre, 2012. Trabalho de Conclusão (Graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. *In: ____*. **Como pensam as imagens**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2012.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (Org.). **Políticas do Corpo**. 2. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **O Corpo Representado: mídia, arte e produção de sentido**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna- Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. *In: LOURO, G. L. (Org.)*. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Ronaldo Canabarro
Universidade Federal da Integração Latino-Americana
SECADES - Seção de Capacitação e Desenvolvimento.
Avenida Tarquínio Joslin dos Santos, 1000, Jardim Universitário.
CEP: 85866000 - Foz do Iguaçu, PR - Brasil.

Marlise Regina Meyrer
Universidade de Passo Fundo – RS.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
BR 285, São José, Passo Fundo-RS, CEP: 99052-900.